# Dôr e Luz: (Versos de um seminarista)

Acúrcio Correia da Silva

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

# Dôr e Luz: (Versos de um seminarista)

*Acúrcio Correia da Silva*

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano. A partir da digitalização disponibilizada pela bibRIA.

## ACURCIO CORREIA DA SILVA

Dôr e Luz

(Versos d'um seminarista)

Typ. França Amado

Coimbra.

## DÔR E LUZ

Acurcio Correia Da Silva

## DÔR E LUZ

## (VERSOS DUM SEMINARISTA)

Escritos na primeira quinzêna de novembro de 1911

## COIMBRA

## TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1912

## MEU PÁI, MINHA MÃE...

Pedindo-vos a benção, comovidamente, com lagrimas nos olhos, ofereço-vos este livrinho--o meu primeiro livro...

Acurcio.

## CARTA AOS MEUS CONDISCIPULOS

Maio de 1912.

Rapazes.

Estes versos, que agora vos oferêço, repoisam ha cinco mêses, no fundo da minha gavêta, misturados com muitos outros, que eu de ha muito para lá venho lançando, como farrapos do meu coração ardente, como pétalas caídas da minha alma de rapaz.

Não contava publica-los, como não conto publicar uma grandissima parte desta versalháda desconéxa, que aqui se me amontôa pelas gavêtas da minha mesinha de estudante, e na qual repousam, adormecidas ou mortas, tantas aspirações ingénuas, tantas ilusões airádas, tantas tristêsas ignoradas, intimas...

Mas nós vamos distanciar-nos, ó rapazes! Vamos para muito longe uns dos outros, e--sei lá!--talvês para sempre. É a obra bemdita da evangelisação social que nos solicita, nos chama.

E já que assim tem de ser, eu queria deixar-vos, antes do apartamento, alguma coisa,--uma recordação--por que mais tarde vos lembrasseis, lá muito ao longe, dêste rapaz trigueiro, desgrenhádo, de faces escavacádas e fundos olhos erradios, que comvosco viveu por aqui a mesma vida, a mesma juventude, as mesmas aspirações de

evangelisação e amôr.

Eu queria deixar-vos alguma coisa, ó companheiros, e escolhi para isso estes versos, que, ha mêses, no esmorecer doentío e suave do ultimo outôno, dediquei á chorada memoria dum nosso camarada, dum nosso amigo, dum nosso condiscipulo morto...

Foram escritos de um jacto, em momentos de febre dolorosa, em quinze dias de vigilia doente, pelas horas tenebrosas em que vós dormíeis, rapazes.

Ai!--quantas vezes, emquanto a pena me escorregava vertiginosa pelo papel, chegavam até mim, soluçantes, fugidías, as plangencias brandas das serenátas doridas, que cantavam lá embaixo, ao pé do Mondego, Estrada-da-Beira alem, o grande, o doloroso funeral das ilusões!

E a pena corria, corria sempre, numa vertigem febril...

Hoje, lendo os meus versos de então, sinto que vibram nêles dois gritos enfeixados, unidos:--um grito de angustia amarga e um grito ardente de esperança.

Eu não sou um pessimista, amigos, porque sou um crente. O pessimismo frio e scético não deve ter cabída nos nossos peitos de Seminaristas. Por isso, nos meus pobres versos não rugem trênos desesperados,--suspiram antifonas de esperança...--Esperança na Luz Divina, na Misericordia Suprêma.

Porque o mundo confrange-se na Dôr e quase não tem coragem para fitar os Céus, a vêr se lhe sorri a esperança nos olhos tristes de Cristo. Ai!--os mais atormentados são os descridos de Jesus!

Eles, que espedaçaram a Cruz e cuspiram ás faces pálidas do Martir do Calvario o escarro de mil insultos,--cantaram ditirâmbos á Sciencia e beijaram á Razão as pernas fuliginosas das barricadas rebéis. E são êles que proclâmam hoje a realidade da Dôr,--da Dôr condição da vida, sem uma estrêla a fulgir na noite do nosso destino...

«Para qualquer lado que o nosso olhar se dirija,--escreve _um revoltado, o radical Sebastião Faure_,--não se encontra senão dôr... O sofrimento está em toda a parte, visita o castélo assim como a cabâna, mas apresenta-se sob aspectos que se transformam constantemente, e, atravéz de incessantes migrações, metamorfosêa-se até ao infinito. A vida não passa de um longo martirio, desde o primeiro vagído da criança até ao ultimo suspiro do moribundo. O tormento prende o berço ao tumulo. A alegria de viver não é mais do que uma frase... Um aborrecimento enorme se apossou da humanidade. O furioso aquilão curva todas as arvores da floresta, desde o carvalho ao canaviál. Da mesma sorte sopra sobre a terra desolada um misto de miseria material, intelectual e moral, que faz inclinar todas as cabêças,--a dos grandes como a dos pequênos, a dos poderosos como a dos fracos, as frontes altivas como as humildes. O martelo do sofrimento, sem nunca parar, esmaga gerações; o cancro da Dôr alastra sobre a Humanidade as suas chagas horriveis.» (Sebastião Faure--_A Dôr Universal_).

Estas palavras, rapazes, são dum atêu, dum revoltado. Exprimem perfeitamente, numa cruel amargura, o desalento completo da orgulhosa Razão em face dos sofrimentos da mísera Humanidade. São os homens da Desordem vencidos perante a Dôr.

Pois bem, Seminaristas! Nós,--os filhos da Ordem, os homens

brandos da Paz,--somos chamados a derramar nesse cancro universal a luz divina da esperança.

Sabemos de ha muito tempo, antes que os negativistas o proclamassem desesperadamente, angustiosamente, sabemos de ha muito tempo,--porque o Evangelho o diz,--que «a felicidade não é dêste mundo.» Mas sabemos tambem que na alma da Humanidade soará perenemente a musica celeste daquela amoravel promessa de Jesus:--«Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.»

Na verdade, a Humanidade atravessa um estadio doloroso, trágico. Nuvens densas escurecem o céu, e as almas confrangem-se numa penumbra abafadiça, soturna. Esta penumbra é rasgada, a espaços, por clarões lívidos, deslumbrantes, que estonteiam e cegam. Estes lívidos clarões são as cintílas da Sciencia.

Mas estes clarões não bastam. Precisâmos de mais luz,--de luz serêna, benéfica,--para as almas amarguradas.

Acima destas nuvens cortadas dos relampagos das idéas, sacudidas pelo trovão das revoltas,--ha um espaço mais serêno, com horisontes mais largos, com claridades mais vivas, mais serenas, mais tranquilas. Nós querêmos esse espaço, buscâmos esse horisonte, desejâmos essa luz...

*  *  *  *  *

«Amai-vos uns aos outros como irmãos...»--Foi este o preceito novo, que Jesus impôz aos seus discipulos.

Já que vamos para o mundo, hastêie-se em nossas mãos o lábaro da Paz.

Que os maus praguejem, blasfêmem: que os maus nos amaldiçôem. Que venham sobre nós os insultos e os escarros, as ameaças e a morte! Ergamos nós para o Alto os nossos olhos tranquilos, e sejam as nossas palavras como um orvalho do Céu a refrigerar este vulcão onde as flores da purêza se fânam amarguradamente, desconsoladamente...

Vái florindo a primavera.

Na folhagem enfloráda dos castanheiros do _Recreio_, as rôlas cantam suspirosamente a celebração festiva dos misteriosos noivados...

Por esses campos fóra, olhái que festas agrestes, olhái que esteira de flôres...

E é á vista dêste deslumbramento que o mundo se desespéra impiamente, alucinadamente, nos torvelinhos da Dôr...

É que o vicio alastra, e odios rugem surdamente, e o desespêro aumenta!

*  *  *  *  *

Ó Seminaristas,--ó Seminaristas de Portugal!

Operarios de Jesus, nós devemos ir, mundo alem, a semear nas almas a Paz, a Fé nas inteligencias, o Amor nos corações.

Não odiêmos ninguem. Ninguem!--Porque os que parecem maus não passam, as mais das vêzes, de uns nescios, inconscientes, irresponsáveis.

--Olhái aquêle que passa... Nervôso, cartôlo têzo a escorregar prás sobrancêlhas, bigodeiras repontônas, revirando uns olhitos pardos, de

travéz, em ares de superioridade ratôna, para os que o saudam...

É um anti-clerical confésso e profésso. Amaldiçôa a _padralháda_ com bérros de capádo. Ri de Cristo e arrota _libardade_. Come bem. Digére bem. Um felizardo, no entanto. Mas ide falhar-lhe em padres... Cái Troia. Contorce-se, blasfêma, barafusta com acionados de possesso.

Rabisca tropos pelas gazêtas e escrevinha, nas horas vagas, brochuras contra os _jesuitas_...--Quer _esmagar a infame_ com Voltaire; com Diderot desejaria _enforcar o ultimo rei nas tripas do ultimo padre_, e com Falstaff beberricar bôas pingas e ingerir presuntos. Que êle não conhecerá Voltaire, nem Diderot, nem Falstaff...--Arremeda-os mal.

E afinal, coitado, é um pobre diabo... Um bom rapaz. Adora a mulher e os filhos. Tem coração. Será um imbecil... Será. Mas que temos nós com isso? O mal é dêle. E o ridículo, o peór mal...

_Perdoái-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem..._--Ali vái outro,--um torturado de alma. Vive na revolta e para a revolta. Cogita em sedições e sonha com barricádas.

E afinal é um ótimo rapaz, uma bela alma. Mal empregado coração em não se enlevar num ideal de amor! E quantos pelo mundo assim, coitados, quantos...

--Outro que passa... Um operario. Vái negro das forjas, mãos nervúdas em sacudidélas bruscas, a ameaçar. É filho dessa raça obscura, que dá vida, que dá seiva ao mundo em troca de migalhas, em troca da miseria.

Nos seus olhos sangrentos, erradíos, fosforêja o clarão trágico das revoltas vingadôras...

Vamos até êle, ó rapazes. Aos operarios, ó Seminaristas! Dêmos-lhe o ósculo da Paz, num grande abraço de fraternidade, da fraternidade cristã.

Que êles se ajoelhem aos pés da Cruz, do Operario-Deus, do Carpinteiro-Divino. Lancêmos uma gôta de orvalho áquêle desespêro ardente...

E êles terão a esperança.

--Outro ainda. Um nulo. Olhai que olhar aquêle... Olhar mortiço, sem expressão, sem vida. É um martir...--martir dos proprios vicios. Assa-lhe as carnes, requeima-lhe o aguádo sangue a febre das luxurias desvairadas, das execraveis torpêzas, das verde-negras abominações.

Não tem um ideal, uma esperança, um norte.

É um morto, coitado...

--E aquelas? Quem são elas que passam saracoteando-se, e olhando para nós com uns tregeitos equívocos de deslavada gaiatice?--São as loureiras. Pobres raparigas, pobres escravas!

Porque elas são escravas. Da _escravatura branca_, que Victor Hugo chora e amaldiçôa.

E lá vão elas, tresloucadas, delambidas, de arcaboiços podres desengonçando-se entre chitas baratas, a vender sorrisos, a dizer torpêzas.

Que se lhes ha-de fazer? Enxovalha-las mais? que façam isso os máus. Nós somos discipulos de Jesus.

Jesus, que lia nos corações, porque era Deus, sabia fazer dessa lâma

## Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

**tiendamundodelibros.com**